



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

Práticas e reflexões sobre o ensino de Geografia com utilização de linguagem imagética pelo PIBID de Geografia

NARCISO, Vanessa dos Reis¹, CAMPOS, Bruno¹ F. Ferreira, FREITAS, Daniel Araújo,¹
VIEIRA, Alexandre B.²

¹ Graduandos em Geografia da UFGD e Bolsistas de Iniciação à Docência PIBID/UFGD/CAPEL. E-mails: Completar os e-mails de vcs; 2. Prof. Dr. dos Cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da UFGD, coordenador de área do PIBID/UFGD/CAPEL. E-mail: alexandrevieira@ufgd.edu.br

RESUMO:

O presente artigo busca fazer uma reflexão acerca da linguagem imagética, especialmente a linguagem fotográfica no ensino de Geografia e relatar as atividades desenvolvidas pelo projeto PIBID de Geografia da UFGD. Vivemos atualmente em um mundo imagético, diariamente em nosso entorno somos informados e influenciados por essa linguagem não verbal carregada de significados, que sugere, indica e comanda nossas ações. Assim, partindo da premissa de que são necessários desafios que estimulem os discentes a perceberem o mundo à sua volta, para que haja de fato à aprendizagem efetiva no sentido da alfabetização geográfica, foi proposto aos alunos do terceiro ano do ensino médio do turno matutino na escola Estadual Floriano Viegas Machado Dourados-MS, que criassem uma arte a ser grafitada nos muros da escola, à partir das imagens e reflexões trazidas por eles e juntamente debatidas pelo grupo do PIBID sobre o tema “Copa do mundo no Brasil”, trazendo os principais desdobramentos que um evento desse porte influencia na vivência de cada um de nós.

PALAVRAS-CHAVE: (3) Ensino de geografia (2) linguagem imagética (1)Copa do Mundo

Introdução

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa De Iniciação a Docência) consiste em um programa de grande relevância para a inclusão do licenciando no contexto escolar, pois possui a capacidade de aproximar as teorias adquiridas na universidade com a vivência da comunidade escolar e do ensino na rede pública, propiciando, dessa forma, a interação entre teoria e prática.

O PIBID de Geografia da UFGD tem como objetivo contribuir para a formação inicial de professores, propiciando aos “pibidianos” experiências didático-pedagógicas, reflexões teóricas e a utilização de diferentes linguagens, como a fotográfica, literária e cartográfica por exemplo, para o letramento e a alfabetização geográfica, pois é preciso uma alfabetização geográfica que possibilite a leitura do espaço geográfico. E esse é o papel primordial da Geografia que deve ter como referência e ponto de partida a realidade do aluno, colocando-o, desde já, como um ser histórico e social e que está envolvido nesse processo de desenvolvimento e aprendizado geográfico.

Assim, como indaga Callai (2001, p.58):

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento (...) O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico.

Buscando contribuir na viabilização de um ensino que considere e parta de tais pressupostos, o PIBID Geografia da UFGD tem procurado trabalhar com "diferentes linguagens" que possam despertar a atenção dos alunos e o interesse pela geografia e a reflexão sobre os temas inerentes a esta ciência e suas conexões. Com isso, espera-se contribuir para que esta disciplina deixe de ser encarada como "enfadonha, simplória e decorativa", ou seja, que tiremos a Geografia dessa marginalização intencional, o que leva os alunos muitas vezes a perderem o interesse pelo que esta sendo estudado.

Kaercher (2007) chama a atenção para a necessidade de se compreender a Ciência Geográfica como ramo científico social que, ao ser estudado, deve considerar o aluno e a sociedade em que este é partícipe. Não pode ser uma coisa alheia, distante, desligada e desconectada da realidade, um amontoado de assuntos, conteúdos ou temas soltos e/ou fragmentados, sempre defasados ou de difícil compreensão pelos estudantes. Ela não pode ser feita apenas de descrições de lugares distantes ou de fragmentos do espaço.

Como contraposição a este tipo de ensino, é preciso trazer e evidenciar as vivências espaciais dos alunos. Ou seja, mostrar como os próprios alunos estão participando da produção espacial, seja ela numa referência mais geral, das lógicas espaciais dominantes, seja no sentido da (re)apropriação múltipla destas mesmas lógicas, ou mesmo na produção das próprias lógicas espaciais. “Para tal, torna-se necessário lançar mão de “diferentes linguagens” no âmbito da geografia, conforme destacaram Oliviera Jr. E Girardi(2011). Estes autores afirmam que "as diferentes linguagens no ensino de geografia" nos apontam para uma necessidade de versatilização e diversificação dos materiais utilizados no ambiente escolar.

Contudo, estes autores apontam para a necessidade de superarmos e avançarmos para uma educação a partir de diferentes linguagens que sejam criadoras, ou seja :

tratando as linguagens não somente como componentes do ato comunicativo, mas também, e sobretudo, como viabilizadoras de novas produções de mundo. E seguir nesta problematização implica, necessariamente, em questionar o próprio conteúdo do processo comunicativo.

Abordar as diferentes linguagens é entendê-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação, de produção de

pensamento sobre o espaço. (OLIVEIRA JR, e GIRARDI, p.04, 2011)

Ao longo das reuniões do PIBID e intervenções feitas na Escola Estadual Floriano Viegas Machado procura-se levar essas linguagens para o contexto escolar, visando a maior motivação dos alunos e reflexão dos mesmos, produzindo conhecimento através de outras linguagens, principalmente a imagética, com fotografias e vídeos.

Dessa forma, o desafio proposto pelo PIBID Geografia da UFGD é trabalhar com diferentes linguagens que não são utilizadas apenas como ilustração do conteúdo, com o sentido de comunicação unicamente, mas, sobretudo, com o sentido de criação, de produtoras da realidade ou de realidades, sendo que esta(s) realidade(s) pode(m) ser tomada(s) como teórica(s), positiva(s) ou narrativa(s). Dependendo de como esta produção do real ou da realidade é tomada, os conceitos e categorias de análise/interpretação se dão em torno da representação, apresentação, diálogo e/ou discurso. No entanto, a ideia de representação aqui é bem distinta da que aparece nos trabalhos do primeiro grupo. Nos trabalhos que assumem as linguagens como expressivas dos desejos e engajamentos humanos, a palavra representação nunca é usada como espelho da realidade, mas sim como um artifício criado numa linguagem para dizer da realidade. A representação, portanto, não reflete o mundo, a realidade, mas sim a linguagem na qual a obra ganhou existência. (OLIVEIRA JR, e GIRARDI, p.04, 2011)

Assim, tendo a linguagem imagética como principal elemento motivador e orientador de nossas atividades, buscamos, juntamente com os alunos e a partir deles construir o conhecimento geográfico pautado no conhecimento científico da geografia e também os elementos referenciais que os alunos possuem. Procuramos, portanto, observarmos os fenômenos a partir de uma sistematização empírico-científica, que se associa, complementa, e passa a orientar nossas experiências junto com a vivência geográfica dos alunos, que em geral, se dá empiricamente. Ou seja, manifesta-se e, ao mesmo tempo, condiciona o espectro fenomênico dos espaços, dada as relações mantidas e a participação do Espaço nas mesmas.

Além desta *geograficidade* que é experienciada e vivenciada diariamente, pensamos a geografia também a partir das imagens dos fenômenos espaciais que são

repassadas através das mídias eletrônicas predominantes na comunicação social. São eles os filmes, propagandas, telejornais, novelas, programas televisivos. Qual é a imagem que eu tenho de São Paulo? Quando alguém ou algo se refere à Europa ou à China, por exemplo, qual visualização mental é realizada? E por que é essa a imagem elaborada por nossos dispositivos e mecanismos mentais? Quais elementos estão alimentando e participando ativamente desta representação? Isso fica evidente quando observamos as representações que os alunos fazem dos fenômenos que são sociais, e por decorrência espacial, mas que quase sempre se por intermédio dos meios de comunicação de massa. Ou seja alerta-se aqui para a impossibilidade de considerar a geografia do aluno dissociada da geografia do mundo.

Rose (2003), no referido conjunto de artigos da revista *Antipode*, lança uma importante indagação: em que medida, exatamente, a geografia seria “visual”? A autora considera ser a geografia a “única dentre as ciências sociais que confiou e continua a confiar em certos tipos de visualidades e imagens visuais na construção de seus conhecimentos”, a que relaciona, no entanto, uma notável falta de perspectiva crítica sobre o uso de imagens. Este pressuposto motiva o olhar para as imagens, munidos, no entanto, de mais critérios. Assim, como trazem os autores Dantas e Moraes (2007)

“a geografia possui um conjunto de ideias e conceitos que podem ser aprendidos dentre outras formas através da imagem, onde as informações estão potencializadas exigindo do autor saber olhar e encontrar o conteúdo que contém.”

É como se isso atuasse na forma de uma avaliação diagnóstica para cada qual, uma vez que todos os alunos não aprendem no mesmo ritmo e nem da mesma maneira, pois sua vivência geográfica é diferenciada. Ao se pensar em avaliação diagnóstica, Hoffmann (2003, p.148) aponta que “a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e que é educado”. Ou seja, estabelecer o diálogo em sala de aula, troca de experiências, a vez e a voz, estimular o aluno a pensar, criar dúvidas e etc. são elementos necessários para que os alunos sejam atores na produção do conhecimento geográfico, que se dá a partir de suas experiências.

Isto permite o aluno a interpretar a organização do espaço em que se vive. Fugindo dos meios tradicionais, se desprendendo dos conteúdos, planos e dos livros didáticos onde a grande parte deles apresenta a geografia de forma simples e descritiva como aponta Nestor Kaercher (2007) "geografia de telejornal", "geografia frágil" resultando numa visão como sinônimo de informações soltas sem relação alguma.

Creio que é preciso descrever melhor a metodologia, como detalhar mais os procedimentos e inserir as imagens e/ou vídeos que trabalharam nas aulas...lembrando q todas as imagens devem conter um título e a fonte.

Metodologia

A metodologia consiste basicamente em apresentação da temática, abertura para debates, solicitação de imagens que demonstrem a opinião do estudante, sendo à partir disso, da necessidade e da realidade percebida pelos estudantes, que serão apresentados outros pontos de vista a respeito da temática. Antes do início das intervenções em sala de aula, considerando a temática orientada pelos conceitos fundamentais da Geografia, como Paisagem, território, região e lugar, procuramos desenvolver uma forma de utilizar esses conceitos possibilitando posteriormente uma clareza da realidade vivida pelos alunos durante esse período, da Copa do Mundo, com a intenção de elucidar processos que nem sempre são bem discerníveis do ponto de vista de um aluno da educação básica.

Foram pensadas e elaboradas as intervenções em sala de aula para que fosse utilizada linguagem imagética, através da percepção do aluno quanto a sua realidade na comunidade escolar da Escola Estadual Floriano Viegas Machado, na cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul. A temática selecionada foi “Copa do Mundo de 2014”, a ser realizada no Brasil.

Desta forma, foi realizada uma “sondagem” em sala de aula para visualizar os conhecimentos e concepções prévias dos alunos, sendo uma forma de compreender a visão do aluno de acordo com seu contexto sociocultural, para isso foi solicitado

também aos alunos, que selecionassem imagens que representam para eles algo relacionado à Copa do Mundo, enquanto um grande evento, numa perspectiva mais geral. Isso serve para saber como o senso comum está sendo apropriado pelo discurso desses estudantes e se há algum aprofundamento mais crítico quanto ao tema.

“É como se isso atuasse na forma de uma avaliação diagnóstica para cada qual, uma vez que todos os alunos não aprendem no mesmo ritmo, suas “vivências geográficas” são diferenciadas. Ao se pensar em avaliação diagnóstica, Hoffmann (2003, p.148) aponta que “a ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e que é educado”.

Foram estimulados em sala de aula ao debate, onde podemos sentir melhor o pensamento deles, reconhecendo até mesmo quais são as influências para os argumentos utilizados por estes estudantes. Isto permite ao aluno interpretar a organização do espaço em que se vive, fugindo dos meios tradicionais, se desprendendo dos conteúdos e dos livros didáticos, uma vez que grande parte deles apresenta a geografia de forma simples e descritiva. Segundo Nestor Kaercher (2007), este cenário é parte da "geografia de telejornal", "geografia frágil", que somente ajuda a constituir visão de mundo que é sinônimo de informações soltas e sem relação alguma.

Partindo desta condicionante como pressuposto básico, as imagens previamente selecionadas serviram de suporte ao diálogo posterior estabelecido em sala de aula, com troca de experiências, concessão de vez e voz, estímulo ao pensar do aluno, criação de dúvidas. Considerando que são estes os elementos indispensáveis para que os alunos sejam atores na produção do conhecimento geográfico, que se dá a partir de suas experiências.

Visando (des) construir construindo, lançamos mão de materiais audiovisuais como recursos didáticos alternativos ao da escola. Durante as primeiras intervenções, o destaque foi o vídeo-documentário “Domínio Público”, material que trata das contradições sócioespaciais manifestadas ao longo das intervenções públicas e privadas para realização do evento, seguindo os padrões da FIFA, organismo internacional que normatiza e regula o futebol mundial.

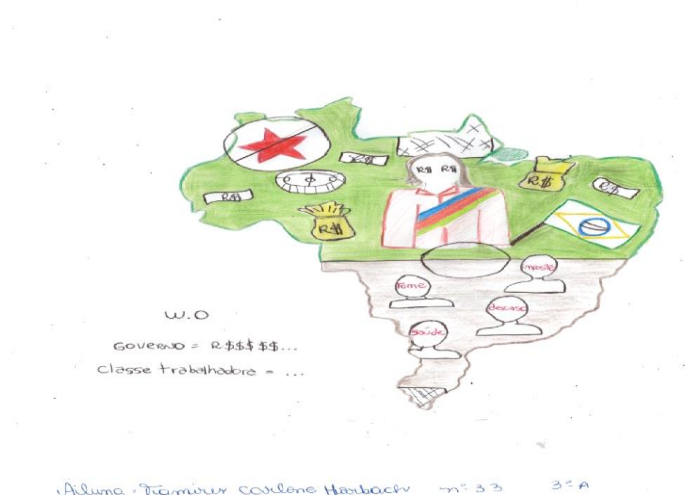
Desenvolvimento

As atividades aqui desenvolvidas foram realizadas na Escola Estadual Floriano Viegas Machado na cidade de Dourados –MS sob supervisão da professora Luana Gutierrez Barbosa sob coordenação do Prof. DR Alexandre Bergamin Viera desenvolvidas nos três terceiros anos A,B,C do ensino médio com tema “copa do mundo” contextualizando-se com o tema países da américa latina destacando os pontos positivos e negativos que um mega-evento que é a copa do mundo traz principalmente para o Brasil.

O enunciado sob o qual foi desenvolvida esta etapa da intervenção consistiu em solicitar aos alunos, de forma livre, uma imagem relacionada à Copa do Mundo, servida de fonte e legenda. As imagens selecionadas pelos alunos, de forma geral, podem ser caracterizadas como oriundas em sites de pesquisa da *internet*. Reproduzem um tipo de construção imagética específica, que é emitida, predominantemente, pelos meios de comunicação. E o que tem de importante nisso para discutir os temas da geografia? É preciso explorar isso

A maioria dos alunos trouxeram imagens que chamavam atenção para os principais problemas que uma copa do mundo no brasil acarretaria como no caso da imagem abaixo:

Figura 01



Ou seja, a maioria dos alunos só reproduziu o que a mídia estava propagando nos principais veículos de massa internet e televisão. Ao longo das aulas pudemos notar o pessimismo dos alunos em relação a esse evento no Brasil os mesmos só destacavam os pontos negativos e diziam que o dinheiro usado na preparação do evento poderia ser utilizado em saúde educação.

Mas também não podemos deixar de destacar as imagens que também surgiram sobre o preconceito racial ainda presente nos dias de hoje principalmente nos estádios de futebol a imagem que se segue chama atenção para isso o aluno buscou uma fotografia da copa de 2010 realizada no continente africano onde jogadores brasileiros seguram uma faixa com a seguinte legenda "diga não ao racismo". Isso mostra que desde 2010 essa luta contra o preconceito têm mobilizado muitos organizadores dos principais eventos em estádios, mais que infelizmente isso vêm ocorrendo com mais frequência também nos estádios brasileiros e também no nosso cotidiano as vezes ainda camuflado mais que existe.

figura 02 "diga não ao racismo"

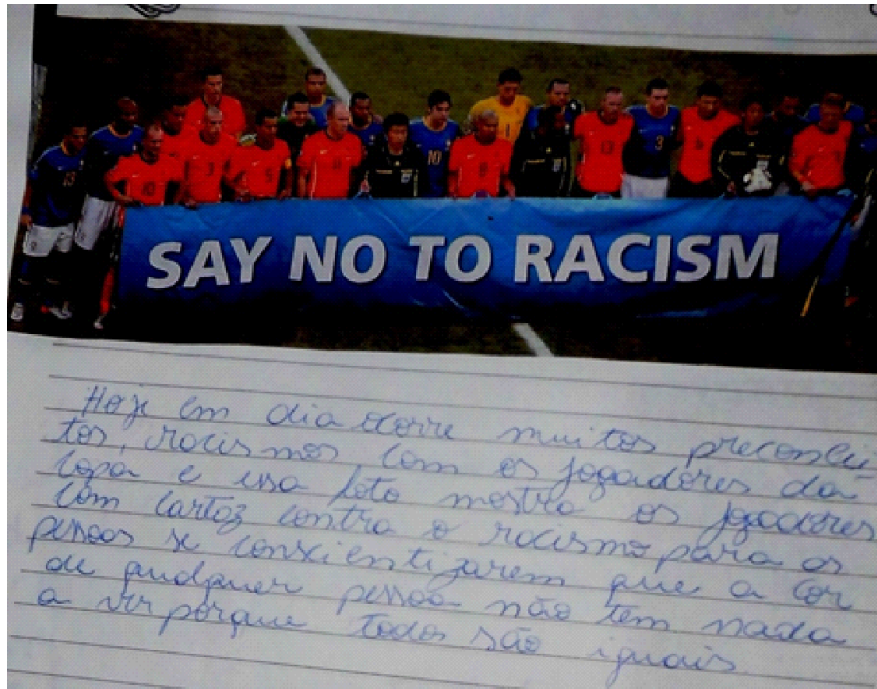
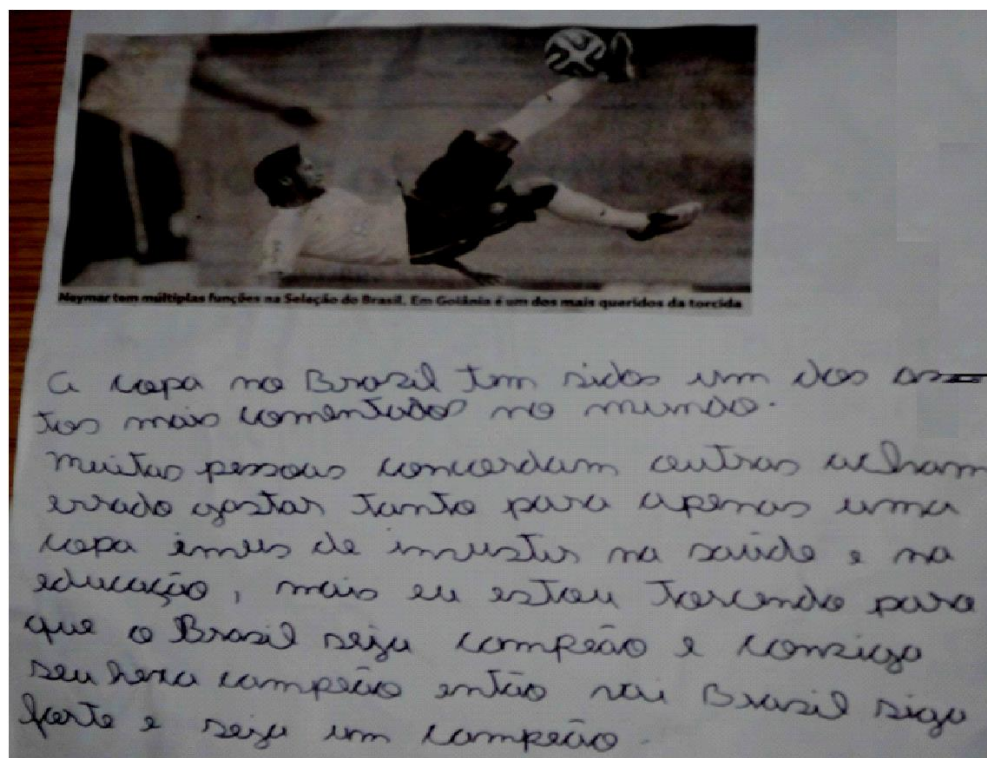


Figura 3



Arquivo pessoal

Assim faz-se necessário a reflexão sobre o uso de imagens, por se tratar de um recurso muito rico e que se consegue desvelar ou encobrir realidades, conscientizar ou reproduzir discursos. Afinal, ao experimentar novas linguagens estamos fazendo o esforço de transformar a maneira como vemos nossa realidade e assim poder entender os processos e modificar nossas práticas, tanto para o ensino, como para o exercício da cidadania.

Considerações finais

Trabalhar com outras linguagens nos permitem experiências novas como por exemplo, na linguagem fotográfica, uma imagem têm um significado para o autor e outra totalmente diferente para o expectador possui muitos olhares não nos esquecendo que a fotografia é um olhar do mundo uma opinião sobre as coisas ou seja ela é carregada de sentimentos, sensibilidade e criatividade e essa ferramenta utilizada em

sala de aula têm se tornado um estímulo a mais para os discentes pois se nota um interesse a mais na aula a participação dos mesmos cresce e não fica restrita somente a fala do professor por que se permite a leitura dos mesmos sobre a frase ficou extremamente confusa. Rever. E ainda faltou a fonte da reflexão

Ao longo do projeto estamos buscando ao máximo correlacionar os conteúdos apresentados, pois facilita o entendimento dos alunos e o desenrolar da aula ã é essa a proposta, utilizar da linguagem imagética para facilitar o entendimento do conteúdo e sim construir o conhecimento junto com os alunos. O desenho qual desenho? De quem? Ñ apareceu nenhum desenho no texto como produto final, de cada intervenção, tem ajudado muito para nossa auto avaliação para sabermos se estamos no caminho certo. Na maioria das intervenções os alunos conseguem expressar no desenho o que aprenderam nas aulas, mas também devemos considerar aqueles alunos que só reproduzem o que está na internet. Refazer as considerações finais com mais detalhes e avaliações ou mesmo questões para pensar futuramente

Referências Bibliográficas

CALLAI, Helena. C. a articulação teórica e prática na formação do professor de geografia.

In: SILVA, ainda Maria. M. et.al. Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos desafios para a inclusão social. Encontro nacional de didática e Prática de Ensino. Recife: Endipe, 2006-p.143-161

KAECHER, Nestor André A. "Quando a geografia crítica pode ser um pastel de vento".

Mercator. Revista de geografia da UFC, ano 03, número 06- Fortaleza, -2004. 60p.

OLIVEIRA JR. W. MACHADO. Girardi Gisele Diferentes linguagens no ensino da geografia ENPEG,2011-P.02-09

DANTAS, Eugenia M., Morais Ione R. IOS PROBLEMAS DEL MUNDO ACTUAL SOLUCIONES Y ALTERNATIVAS DESDE LA GEOGRAFIA,Y LAS CIENCIAS SOCIALES COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA- PORTO ALEGRE, -2007.

